

EDUCAÇÃO, LIBERTAÇÃO DE SI ENTREVISTA COM MICHEL ONFRAY

Michel Onfray (1959-), filósofo francês, autor de inúmeras obras sobre filosofia, política, etc. Fundador, em um projeto coletivo, da Universidade Popular de Caen em 2002, na França. Participou também da fundação da Universidade Popular do Gosto em Argentan (2006). Nesta entrevista (concedida por e-mail ao Centro de Investigações de Metodologias Educacionais Alternativas Conexão – CIMEAC), Onfray discute a experiência – a um só tempo teórica e prática – da concepção de uma universidade popular. Organização: Felipe Ziotti Narita. Tradução: Carlos Augusto Rodrigues e Felipe Ziotti Narita.

Para saber mais:

- ✓ Site oficial de Michel Onfray: <http://mo.michelonfray.fr/>
- ✓ Universidade Popular de Caen: <http://upc.michelonfray.fr/>

* * *

CIMEAC: *Em 2012, a Universidade Popular de Caen completa dez anos de existência. Qual análise você faz desse decênio de experiência com a Universidade Popular?*

Michel Onfray (M. O.): A perenidade dessa bela aventura coletiva mostra que os ideais com os quais começamos foram honrados, respeitados e conservados: gratuidade; voluntariado; compartilhamento; uso da cultura não para separar, mas para integrar; produção de saber de qualidade a um público autenticamente popular; propostas de ferramentas de leitura do mundo; diversidade de conteúdos; verificar os antagonismos desses conteúdos (eu lecionei contra Freud ao passo que, em outro seminário, uma amiga psicanalista ensinava a favor...). Tudo isso funciona muito bem desde 2002!

CIMEAC: *Segundo o projeto da UP de Caen, a concepção contemporânea de universidade popular representa sobretudo um esforço de “democratização da cultura”. O que significa essa “democratização” em relação ao conceito de “construção de si” apresentado pelo projeto de Caen e pelo manifesto “A comunidade filosófica” [La communauté philosophique – Ed. Galilée, 2004]?*

M. O: A cultura serve, na maioria das vezes, a uma distinção de classe: nós nos servimos do que sabemos para marcar pertencimento a um meio, a uma casta, a uma categoria social. Tomemos um exemplo: conhecer a música clássica,

saber dissertar sobre a diversidade de interpretações, praticar os códigos e reproduzir as condutas dos festivais e dos concertos; isso sempre significa que nós somos de um mundo e não de outro. A Universidade propõe abordar a música clássica de outra maneira, sem intimidação, sem humilhação. Nós ensinamos a quem não sabe e que está lá para descobrir, conhecer e amar. Nós agimos assim sobre numerosos campos, pois temos umas duas dezenas de seminários: filosofia (para adultos e crianças), arte contemporânea, música (clássica, jazz e musicologia), arquitetura, literatura, feminismo, epistemologia, psicanálise, política, cinema etc. Cada um faz, a seguir, o que crê ser justo e bom da proposta oferecida pela UP: nós não dispomos de meios para conhecer sociologicamente os efeitos induzidos pela frequência à Universidade. Eu só posso, de minha parte, afirmar que recebo uma centena de e-mails por dia com numerosos testemunhos de um efeito existencial radical da prática efetuada na UP.

CIMEAC: *Qual o significado de uma Universidade Popular atualmente? Quais são os elementos fundamentais de tal projeto?*

M. O.: Colocar à disposição a maior quantidade de saberes sem exigir o que quer que seja do público: sem dinheiro, sem nível, sem inscrição, sem controle...

CIMEAC: *Você diz que a Universidade popular pode ser um lugar de micro-resistência. O que significa essa microrresistência na conjuntura contemporânea face à 'mercantilização' dos saberes e do ensino?*

M. O.: Em um mundo onde por tudo se paga, em tudo se coloca preço, tudo se vende e se torna objeto de transações monetárias, nós propomos exatamente o inverso. A cultura institucional habitual, dominante, se apoia sobre conteúdos que legitimam a existência dessa cultura. Cada um de nós ensina tanto saberes alternativos quanto de maneira alternativa os saberes clássicos. Pelo que me diz respeito, por exemplo, eu não ensino os autores que compõem o panteão da historiografia dominante – os idealistas, os espiritualistas, os platônicos, os cristãos, os kantianos, o idealismo alemão, o xamanismo vienense –, pois eu prefiro os atomistas, os materialistas, os sensualistas, os ateus, os anarquistas, os subversivos. Se eu devo ensinar um autor conhecido – Freud, por exemplo –, eu não proponho uma enésima hagiografia; efetuo uma leitura crítica para mostrar como ele propõe menos uma ciência exata que uma variação sobre o tema do pensamento mágico e ocultista.

CIMEAC: *Desde a edição de 2003 do Fórum Social Mundial, na América do Sul nós discutimos muito os projetos das universidades populares, sobretudo entre*

os movimentos sociais. O que você pensa da ligação entre universidade e ensino popular com os movimentos sociais instituídos, formalizados? Você pensa que as universidades populares devem ultrapassar os movimentos instituídos para construir um espaço público que engloba também setores não formalizados da sociedade?

M. O.: Creio que a Universidade popular é uma fórmula libertária plástica. Eu sou libertário e não dou um esquema para uma Universidade popular padrão. Eu creio na fecundidade dos indivíduos que carregam essas estruturas de combate que devem ser pensadas como ferramentas leves, facilmente transportadas, nômades, móveis, plásticas. A cada um formar sua Universidade popular a serviço da causa que pareça mais apropriada a fim de produzir os efeitos políticos concretos.

CIMEAC: *A Universidade Popular é um projeto já concluído ou você pensa que ela deve ser uma prática constantemente reinventada em termos de currículo e de concepções pedagógicas?*

M. O.: Eu creio que é sempre um *work in progress*. Diferente de acordo com cada um dos interessados, adaptável não importa de que maneira prossiga...

CIMEAC: *Parece-me que os seminários propostos pela UP de Caen são diferentes do modelo acadêmico tradicional, não? Como funciona, em geral, a dinâmica nos seminários (por exemplo, a relação entre os “professores” e o público)?*

M. O.: Cada seção é composta de dois momentos: um momento de exposição do conteúdo de pesquisa pessoal, trabalhado, construído da forma mais original possível, obedecendo ao espírito da UP; um momento de comentário dessa apresentação, um período de trocas que cada um dos responsáveis pelo seminário gerencia de acordo com sua vontade. O efeito induzido é impossível de ser medido, pois os grupos se formam fora da apresentação, através de afinidades eletivas, em torno de um lanche, e os debates prosseguem. Cada um torna-se senhor do devir concreto daquilo que aprendeu.

CIMEAC: *Sobre a construção de currículos e dos conteúdos ensinados, como ocorre? Há participação direta do público na seleção desses conteúdos?*

M. O.: Não. Cada “professor” conquistou um dos “professores” já atuantes que então o indicou. Nós recebemos propostas de participação: algumas muito técnicas (tributação...), outras muito excêntricas (um dia seriamente me propuseram projeções comentadas de slides realizados durante férias na

Itália...). Aqueles que procuram se servir da UP mais do que servi-la compreendem de imediato que não possuem lugar na nossa aventura, e renunciam rapidamente...

CIMEAC: *Há algum tipo de avaliação pedagógica (avaliação da aprendizagem, por exemplo) na Universidade Popular de Caen?*

M. O.: Certamente não...

CIMEAC: *Em “Política do rebelde” [Politique du rebelle – Ed. Grasset, 1997], você critica, de diversas maneiras, situações de dependência (mise sous dépendance) do indivíduo, afirmando que “sua educação visa à adição daquilo que o limite, o entrava, o mata, o castra, o contém” (ou seja, a família, a moral, a pátria, o trabalho etc.). A Universidade popular (e talvez até a própria educação popular) apresenta a possibilidade de libertação do indivíduo daquelas categorias históricas do processo de escolarização?*

M. O.: A UP propõe ferramentas para a libertação de si. Libertação pessoal, libertação coletiva. Eu corroboro totalmente a proposta de La Boétie, que escreveu em seu *Discurso da servidão voluntária* [*Discours de la servitude volontaire*]: “estejam resolvidos a não mais servir, então vocês serão livres”. A UP oferece os meios de compreender o mundo, de conhecer os meios da liberdade, e deixa a cada um a escolha de seu caminho. Nós mapeamos, nós fornecemos mapas e bússolas, nós indicamos os bons percursos, os maus caminhos, as montanhas, os pântanos – mas o traçado da rota é um assunto pessoal...

- ✓ Tradução francês-português: Carlos Augusto Rodrigues.
- ✓ Revisão de tradução: Felipe Ziotti Narita
- ✓ Entrevistadores: Angela Arndt G. Borges, Dailson Soares de Rezende, Danilo Seithi Kato, Davi Eiji F. de Oliveira, Felipe Ziotti Narita, Genaro Alvarenga Fonseca, Renato Chaves Azevedo, Vânia de Fátima Martino.

EDUCATION, LIBERATION DE SOI ENTRETIEN AVEC MICHEL ONFRAY

Michel Onfray (1959-), philosophe français, auteur de plusieurs ouvrages sur philosophie, politique, etc. Il a créé, dans un projet collectif, l'Université Populaire de Caen en 2002. Il a participé aussi à la création de l'Université Populaire du goût à Argentan en 2006. Dans cet entretien, Onfray revient sur l'expérience à la fois théorique et pratique de la formation de l'Université populaire. Entretien sous la direction de Felipe Ziotti Narita. Traduction: Carlos Augusto Rodrigues et Felipe Ziotti Narita.

Pour en savoir plus:

- ✓ Site officiel de Michel Onfray: <http://mo.michelonfray.fr/>
- ✓ Site de l'Université Populaire de Caen: <http://upc.michelonfray.fr/>

* * *

CIMEAC: *En 2012, l'Université populaire de Caen fête ses dix ans d'existence. Quelle analyse faites-vous de cette décennie d'expérience avec l'Université populaire?*

Michel Onfray (M. O.): La pérennité de cette belle aventure collective montre que les idéaux de départ ont été honorés, respectés et tenus: gratuité, bénévolat, partage, usage de la culture non pas pour séparer mais pour réunir, production d'un savoir de qualité à destination d'un public authentiquement populaire, proposition d'outils de lecture du monde, diversités des contenus, voire antagonismes des contenus (j'ai pour ma part enseigné contre Freud pendant que dans un autre séminaire, une amie psychanalyste enseignait pour...), tout cela fonctionne superbelement depuis 2002!

CIMEAC: *Selon le projet de l'UP de Caen, la conception contemporaine de l'université populaire représente surtout un effort de "démocratisation de la culture". Qu'est-ce que signifie cette "démocratisation" par rapport au concept de "construction de soi" présenté par le projet de Caen et par le manifeste "La communauté philosophique" (Galilée, 2004)?*

M. O.: La culture sert la plupart du temps à un marquage de classe : on se sert de ce que l'on sait pour signer son appartenance à un milieu, une caste, une catégorie sociale. Prenons un exemple: connaître la musique classique, savoir disserter sur la diversité des interprétations, pratiquer les codes et reproduire les usages des festivals et des concerts, c'est toujours signifier qu'on est bien d'un

monde et pas d'un autre. L'Université propose d'aborder la musique classique autrement, sans intimidation, sans humiliation. On apprend à ceux qui ne savent pas et qui sont là pour découvrir, connaître et aimer. Nous agissons ainsi sur de nombreux terrains puisque nous accueillons une vingtaine de séminaires : philosophie (pour adultes et pour enfants), art contemporain, musique (classique, jazz et musicologie), architecture, littérature, féminisme, épistémologie, psychanalyse, politique, cinéma, etc. Chacun fait ensuite ce qu'il croit juste et bon de faire de la proposition offerte par l'UP : nous ne disposons pas des moyens de connaître sociologiquement les effets induits par la fréquentation de l'up. Je peux juste, pour ma part, vous affirmer que je reçois une centaine de mails par jour dont de nombreux témoignant d'un effet existentiel radical de la pratique de l'UP.

CIMEAC: *Quel est le signifié d'une Université populaire aujourd'hui? Quels sont les éléments fondamentaux d'un tel projet?*

M. O.: Mettre à disposition du plus grand nombre des savoirs sans exiger quoi que ce soit du public : pas d'argent, pas de niveau, pas d'inscription, pas de contrôle...

CIMEAC: *Vous affirmez que l'université populaire peut être un lieu de microrésistance. Qu'est-ce que signifie cette microrésistance dans la conjoncture contemporaine, face à la "mercantilisation" des savoirs et de l'enseignement?*

M. O.: Dans un monde où tout se paie, se monnaie, se vend et fait l'objet de transactions monétaires, nous proposons exactement l'inverse. La culture institutionnelle, habituelle, dominante s'appuie sur des contenus qui légitime l'existence de cette culture officielle. Chacun d'entre nous enseigne soit des savoirs alternatifs, soit de manière alternative des savoirs classiques. En ce qui me concerne, par exemple, je n'enseigne pas les auteurs qui constituent le panthéon de l'historiographie dominante – les idéalistes, les spiritualistes, les platoniciens, les chrétiens, les kantien, l'idéalisme allemand, le chamanisme viennois, car je leur préfère les atomistes, les matérialistes, les sensualistes, les athées, les anarchistes, les subversifs. Si je dois enseigner un auteur connu, Freud par exemple, je n'en propose pas une xième hagiographie, j'effectue une lecture critique pour montrer combien il propose moins une science exacte qu'une variation sur le thème de la pensée magique et occultiste.

CIMEAC: *Depuis l'édition du janvier 2003 du Forum Social Mondial, en Amérique du Sud on discute beaucoup les projets d'universités populaires, soutenus surtout par quelques mouvements sociaux. Que pensez-vous de la liaison entre*

l'université et l'enseignement populaire avec les mouvements sociaux institués, formalisés? Pensez vous qu'il faut que l'université populaire dépasse les mouvements institués pour construire un espace public qui ajoute aussi les secteurs non formels de la société?

M. O.: Je crois que l'Université Populaire est une formule libertaire plastique. Je suis libertaire et ne donne pas de schéma pour une UP type. Je crois à la fécondité d'individus qui portent ces structures de combat qu'il faut penser comme des outils légers, facilement déplaçables, nomades, mobiles, plastiques. A chacun de mettre son UP au service de la cause qui lui semble la plus appropriée afin de produire des effets politiques concrets.

CIMEAC: *L'Université populaire est un projet déjà conclu ou pensez-vous qu'elle doit être une pratique constamment réinventée en termes de curriculum et de conceptions pédagogiques?*

M. O.: Je crois que c'est toujours un *work in progress*. Différente selon chaque intervenant, adaptable comme n'importe quelle forme vivante...

CIMEAC: *Il me semble que les séminaires proposés par l'UP de Caen sont tout à fait différents du modèle académique d'un cours magistral, n'est-ce pas? Comment fonctionne, grosso modo, la dynamique dans les séminaires (par exemple, la relation entre les intervenants et le public)?*

M. O.: Chaque séance est constituée de deux temps: un temps d'expos d'un contenu de recherche personnelle, travaillé, construit, le plus original possible, obéissant à l'esprit de l'up; un temps de commentaire de cet exposé, un temps d'échange que chaque responsable de séminaire gère selon son souhait. L'effet induit est impossible à mesurer, car des groupes se constituent en dehors de la séance, entre affinités électives, autour d'un repas, et les débats se poursuivent. Chaque reste maître du devenir concret de ce qu'il aura appris.

CIMEAC: *A propos de la construction des curriculums et des contenus enseignés, comment cela se passe? Il y a participation directe du public à la sélection des contenus?*

M. O.: Non. Chaque intervenant a conquis l'un des intervenants déjà existant qui l'a proposé. Nous recevons des propositions d'interventions, certaines trop techniques (la fiscalité...) d'autres trop farfelues (sérieusement, on m'a un jour proposé des projections commentées de diapositives faites pendant des vacances en Italie...). Ceux qui cherchent à se servir de l'UP plutôt qu'à la servir

comprennent vite qu'ils n'ont pas leur place dans notre aventure et renoncent assez rapidement...

CIMEAC: *Il y a quelque sorte d'évaluation pédagogique (évaluation de l'apprentissage, par exemple) à l'UP de Caen?*

M. O.: Surtout pas...

CIMEAC: *Dans "Politique du rebelle" (Grasset, 1997), vous critiquez, de plusieurs façons, "la mise sous dépendance" de l'individu, en affirmant que "son éducation vise l'addiction de ce qui le limite, l'entrave, le tue, le châtre, le contient" (c'est-à-dire, la famille, la morale, la patrie, le travail, etc.). L'Université populaire (et peut-être l'éducation populaire aussi) présente-t-elle la possibilité de la libération de l'individu de ces catégories historiques du processus de scolarisation?*

M. O.: L'UP propose en effet des outils pour la libération de soi. Libération personnelle, libération collective. Je souscris abslument au propos de La Boétie qui écrit dans son *Discours de la servitude volontaire*: "soyez résolu de ne plus servir, et vous voilà libres". L'UP donne les moyens de comprendre un monde, de connaître les moyens de la liberté, et laisse à chacun le choix de son chemin. Nous cartographions, nous fournissons cartes et boussoles, nous indiquons ce que sont les bons passages, les ravins, les montagnes, les marécages – mais le traçage de la route reste une affaire personnelle...

- ✓ Traduction français-portugais: Carlos Augusto Rodrigues.
- ✓ Révision: Felipe Ziotti Narita
- ✓ Propos recueillis par: Angela Arndt G. Borges, Dailson Soares de Rezende, Danilo Seithi Kato, Davi Eiji F. de Oliveira, Felipe Ziotti Narita, Genaro Alvarenga Fonseca, Renato Chaves Azevedo, Vânia de Fátima Martino.